

ONZE ANOS!

Celebram-se hoje, 5 de Outubro, onze anos de desilusão popular. A maioria dos que, antes do advento da república, a fantasiavam uma maravilha da evolução política dos povos, decorridos onze anos, encontra-se amargamente desiludida. Os que primeiramente eram ídolos transmutaram-se em tiranos; os que pregavam a palavra quânta divina da redenção foram os primeiros, ao subir ao poder, a descer, um a um, os degraus da ignomínia.

Os apaixonados, os fascinados pela beleza das palavras Liberdade, Igualdade e Fraternidade debatem-se hoje na mais eruciente desilusão.

A música embaladora da Liberdade política, que a Democracia promete, expirou, val longe, muito longe, está distante de nós onze anos intermináveis. Apresenta-me duzia de homens a prometer o paraíso terrestre. E o povo confiou nas suas palavras hipnóticas. Garantiam-lhes que a sociedade de então, baseada nos princípios monárquicos, depois da derruida pelo esforço do povo, se transformaria de súbito numa Democracia linda, onde os governos seriam simples delegados do povo, para executar a vontade soberana do mesmo povo.

E afinal o povo tem sido roubado, enganado miseravelmente por aqueles que tudo prometeram e a tudo falam. A república prometeu a liberdade de reunião, de imprensa e de trânsito. E a cada passo as arbitrariedades surgem, as reuniões operárias, as reuniões do povo que trabalha e alimenta esses políticos das promessas maravilhosas, são proibidas; a imprensa é amordacada, os jornalistas são arremessados para as prisões, e até se tem chegado ao cúmulo de impedir que delegados operários transitem ou permaneçam em determinadas terras da província.

Prometeram os políticos que, aproveitando-se do esforço ingénuo do povo, se instalaram gulosamente à mesa do orçamento, que não se permitiria que os presos sem culpa formada permanecessem mais de oito dias na cadeia. E quantos homens do povo, quantos daqueles que, iludidos, arriscaram a vida na Rotunda e em Monsanto, tiveram gemido durante meses consecutivos, nas tarimas das enxovas!

Lembra-nos que o cavalo de batalha dos políticos republicanos, era o analisabismo assustador que obscurecia o cérebro do povo. Aprendeu-se então escolas e mais escolas, institutos e universidades, onde o povo aprenderia as belezas da ciência e os encantos da arte. Onze anos decorreram e o povo permanece mais ignorante do que nunca.

E o que se disse da iniciativa particular? E o que se discorreu sobre o desenvolvimento das indústrias? E o que se gritou contra a moralidade dos monopólios? E quantas vezes se aventou a necessidade de desenvolver a agricultura? Já lá vai onze anos de república. As iniciativas particulares são criminosamente esquecidas e até guerreadas; o desenvolvimento das indústrias transformou-se no desenvolvimento dos industriais; os monopólios vão fazendo fortunas colossais à custa da miséria pública; a agricultura é um mito, que, apesar de tudo, vai enriquecendo os lavradores.

Dizem ainda os mais optimistas que a Democracia não falhou, que a culpa da desmoronização presente é dos homens e não dos princípios. Por isso há ainda tressa doidos e não o povo porque esta é divulgada da república que comemoram com foguetes o regime da crápula que milagrosamente se mantém.

Mas, não. Admitindo que um Bernardino não fazia do poder uma coroa de bamba onde habilmente se equilibra, por vezes; que o António Granjo respeitava a constituição e não mandava prender os jornalistas; que o Afonso não se aproveitava do poder para o transformar num chiqueiro com que se agota o povo, que todos os políticos eram mansos como cordeiros — admitindo todos esses absurdos, as instituições republicanas não poderiam ainda de maneira nenhuma ser benéficas para o povo.

E isto que não se tem dito e que é preciso dizer-se. Há meia duzia de almas bem intencionadas, que ergueram, desiludidas dos homens, um altar à ideia democrática. Há meia duzia de ingénios que julgam que a Democracia é uma teoria completa, que posta em prática dará a felicidade ao povo. E não se lembram que essa Democracia ideal, que afirma a Liberdade, é a peior inimiga da Liberdade, porque não aboliu a ideia de castigo e o castigo só pode ser exercido pelos homens e os homens são feras a castigar. A Democracia, portanto, permite o tribunal. O tribunal tem quem dele viva; e quem vive do tribunal, explora, consciente ou inconscientemente, a dor alheia. O tribunal precisa de criminosos para existir e quando os não tem inventa-os. O tribunal cria o crime. A Democracia, que pretende a Liberdade, tem em si a condenação da Liberdade.

Democracia robustece a ideia da pátria, que é a fronteira, o orgulho, o egoísmo dos povos, a cobiça dum agregado de homens. A pátria mantém-se pelas armas. O exército é a disciplina, a autoridade, a negação da liberdade, a guerra, o crime.

As teorias democráticas pretendem basear-se na Igualdade. Entretanto enganam as instituições sobre a propriedade privada, a propriedade usurpada à comunidade por meio daí de espertos. A Democracia quer a igualdade baseada no roubô, na desigualdade económica e depois das pobres, que nem sequer tem dinheiro para comer: «Frequenta as escolas, sois iguais ao rico, mas pagai a péso de ouro as vossas propinas, as vossas liberdades, o vosso aperfeiçoamento!»

A Democracia diz-se a própria essência da Fraternidade, mas permite ao cabo de esquara que espanque o transeunte, recomenda à força pública que a mantenha sem desordem; dá ao patrão o direito de explorar o servo e permite ao servo o transformar-se em patrão.

Poderiam, pois, os homens ser verdadeiros santos, que a própria Democracia os transformaria em carrascos. Colocam um bom, num trinchete, metendo uma espingarda num mão e dizem-lhe: «Defende-te ou morrerás!» E o bom tornar-se há assassinato.

Idê buscar um homem que queira ser justo, dai-lhe a ler o Código Penal, senta-o no tribunal a julgar os actos do seu semelhante e recomendá-lhe: «Sê justo, em harmonia com a lei, que é suprema e irrebatível!» E vereis o juiz, ao aplicar a pena, transformar-se em criminoso, atraçando o sentimento de justiça.

E pois esta ideia falida, esta teoria linda apenas na aparência, que se celebra hoje com festas e hinos, Festejar a Democracia é, afinal, exaltar o roubo, o crime, a desigualdade e a tirania.

O governador fedelho

A QUESTÃO DO PÃO

A favor do tipo único!

Pessoal dos Hospitais Civis

O silêncio é de oiro... na boca do menino Lelo

Um aviador, instalado no governo civil, vem com o seu aparelho pairando nas alturas do disparate e da provocação.

O último movimento revolucionário gorado, foi o pretexto para O Século o entrevistar. E o Lelo não se conteve que não dissesse à esse jornal diabólicas dum Cupidinho jovem e travesso, mas impróprias de quem exerce um cargo oficial.

A sua afirmação de que em A Batalha se fez propaganda dessa revolução é, tola, absurda e falsa.

Se tivesse lido, ou melhor, se soube-se compreender o que nela se tem dito, chegaria a uma conclusão diametralmente oposta. Não teria pronunciado semelhante parviciada e ficaria de bem com o bom senso e a verdade. O silêncio é de oiro... quando um governador civil se chama Lelo Portela.

Assim, obriga-nos a dizermos-lhe o seguinte:

Sr. Lelo aviador, sr. Governador civil, sr. cidadão Lelo Portela: A Batalha não navega nas águas turvas da política nem se presta a auxiliar a condena da nação em que embarcam os estadias seapintados, em direcção ao Terreiro do Paço. Ela é partidária dum sociedade que restabelece a ordem, baseando-a na liberdade e na justiça. Por isso repudiou hoje, como repudiou ontem, e como repudiará amanhã, todas as zaragatas, estúpidamente ou vulgarmente chamadas revoluções. A Batalha, que mantém orientação revolucionária, é partidária de processos limpos, detesta êses chiflins reles que servem para fabricar gazas com que se arronham as portas do poder. Aqui nunca se defenderam políticos, nem se protegeram as suas lícitas manobras.

Não continuamos neste tom porque não temos a certeza de sermos compreendidos por quem diz o contrário do que nós temos afirmado. Finalizamos num conselho amigável: «Vai embora.

Crianças não se metem onde não devem estar, porque isto de ser governador civil... são aventuras só para homens.

IMPRENSA REVOLUCIONÁRIA

«Neos Anthropos»

Recebemos da Turquia o jornal

manancial «Neos Anthropos», órgão da

União Internacional dos Trabalhadores,

que se publica em Constantino

pla grega.

• • •

A BATALHA

Não se publica amanhã

conservando-se hoje fechados,

por tal motivo, os nos-

sos escritórios e oficinas.

• • •

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

REDACTOR PRINCIPAL — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — CARLOS MARIA COELHO

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Redacção, administração e tipografia, Calçado do Combro, 38-A, 2.

Lisboa-PORTUGAL

Endereço telegráfico Taibaba-Lisboa — Telefone 5339

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

ANO III — Número 881

Quarta-feira, 5 de Outubro de 1921

PREÇO 5 CENTAVOS

em mangas de canizo

Rebeldias

Ao invés E' opinião corrente: os hospitais servem para os doentes permanecer até completo restauro. Afinal, segundo um inquérito que um jornal da noite está fazendo, os hospitais são outros, onde o doente sucumbe, coitado, s' não for verdadeiramente saudável...

Manifestações Ontem à noite, c. memorando o décimo primeiro aniversário da República, percorreram as ruas vários grupos de mais de um, dando vivas e morras. Um deles, chefiado pelo alferes Matos Cordeiro, teve a amabilidade de ante a nossa redacção de dar vivas a d. Afonso Costa, a Batalha e a Revolução Social. Agradecemos a manifestação. Em frente à Luta é que o grupo não se conteve, dando vivas à república, abaios à canhão reacionária e ao governo.

Abençoada A Imprensa da Manhã, republicana sincera, indignação tremeu de indignação ao referir-se ao facto absurdistamente condenável — contra o qual protestamos — de na Torre de S. Julião da Barra se encontrarem presos alguns Brios oficiais, alguns deles que combateram a Traulitânia. Se o referido jornal estremecesse um pouco de republicana indignação e generalizasse o seu protesto contra tódas as cidades, defendendo todos os presos, não andaria mal, isso não. Nós também nos indignamos contra essas barbaridades — e nem sómos republicanos... nem defendemos a existência dos tribunais.

Patriotismo e Consta-nos que o grande patriota, o desinteresse... destitucionalizado cidadão e engenheiro sr. Sá Carneiro, convidado para defender a república, não se sentiu por brado de protesto contra a sua missão que impulsionaram com o seu saber e o seu entusiasmo — Machado dos Santos, Afonso Costa, Bernardino Machado e tantos outros — o advento da República, de respeito mútuo, de justiça admirável, de incorruptível política, que presentemente gozamos.

E jámos o regime republicano, que se impõe pelos ideais elevados e pela honestidade dos seus homens, cairá, porque o povo valente que subiu uma vez à serra para defender a república subiu a hia de novo, subiu a hia uma, duas, cinquenta, cento vezes, para manter intacta a segurança das instituições que plenamente o satisfazem.

Nesta hora solene, que passa, saudamos orgulhosamente os homens que impulsionaram com o seu saber e o seu entusiasmo — Machado dos Santos, Afonso Costa, Bernardino Machado e tantos outros — o advento da República, de respeito mútuo, de justiça admirável, de incorruptível política, que presentemente gozamos.

E terminamos por bradar plenos de entusiasmo, certos de que somos acompanhados pela nação inteira:

Viva o povo republicano!

Viva o exército!

Viva a marinha!

Viva a República!

Era assim, creiam, que eu escreveria se fosse um jornalista fúria-saneante republicano, ao serviço do dr. sr. António Granjo.

Mário DOMINGUES

E já depois de amanhã que A Batalha começa a publicar em folhetins o novo trabalho literário do nosso camarada e apreciado escritor

Mário Domingues.

Intitula-se sugestivamente

A revolta da carne

O romance social e realista que a pena scintilante de Mário Domingues

trajou especialmente para A Batalha e que os nossos leitores vão ter o

prazer de apreciar depois de amanhã em diante.

As qualidades literárias e de observação já sobejamente reveladas por

Mário Domingues são a garantia segura do sucesso que há de alcançar

este folhetim.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

A revolta da carne

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.

que A Batalha publicará em folhetins depois de amanhã em diante.</

UM CASO QUE NÃO DEVE ESQUECER

Uma carta dos presos por questões sociais e de delito comum acerca da morte de Gervásio Lopes

Faz hoje um mês que, devido aos maus tratos dum enfermeiro, conforme largamente relatámos, sucumbiu o infeliz Gervásio Lopes.

Apesar dos nossos protestos e dos presos do Limoceiro, não demos fé que as entidades competentes tratassem de averiguar se tínhamos ou não razão em protestar.

Dos presos por questões sociais e de delito comum recebemos a seguinte carta que nos apresentamos a publicar:

Presos camaradas:—Decerto estárā ainda bem gravado na vossa mente o inqualificável crime que pouco cometeu na enfermaria desta masmorra. Faz precisamente hoje, quarta feira, dia 5, um mês; e já mais poderemos olvidar quanto sofreu essa pobre vítima mas mós dos seus alzgos. Parece que estamos ainda vendo o infeliz Gervásio Lopes, deitado sobre a cama, depois de ter sofrido os maus tratos que lhe infligiram. Pernas e mãos gangrenadas e no rosto bem patente, o sofrimento.

Foi nessa ocasião que em face dos inumeros protestos dos presos por delito social e comum quasi tóda a imprensa de Lisboa se ocupou do assunto de forma a merecer aplausos.

Protestámos nós, presos, protestou a imprensa e protestou todo o povo consciente e humano. Mas, camaradas, é para lastimar que todos esses protestos fôssem olhados com indiferença e quasi desprazo por alguém que tem o dever e obrigação de apitir todos estes casos com o suficiente zelo e energia.

Camaradas, são vovidos trinta longos dias e até à data nada se fez, a não ser umas conversas platônicas porque continuam ainda na chamada enfermaria desta Bastilha os desgraçados tuberculosos aguardando que para elas haja a humanidade de que o seu estada carece. Aqui há provisões para tudo e verba para todas as "coisas que são presscindíveis". Porém, para os desgraçados reclusos náda há, porque algumas as dificuldades burocráticas, que, para os casos acima citados, nunca apareceram, pois que estes não dizem respeito a nós, presos.

Proveitamos agora o ensejo para agradecer o oferecimento dos camaradas Carris, enviando-nos a quanitá de esc. 18500 proveniente dum quânto à qual juntamos esc. 8500, produto daquela que aberta aqui, quantias que distribuímos hoje por 20 doentes necessitados que se encontram na enfermaria desta Bastilha, como preito de homenagem àquele que em vida se chamou Gervásio Lopes e que sucumbiu devido à ferozidade dos seus alzgos que talvez ainda se riem satisfeitos da malvadez que os inspira.

Agora, para vós, camaradas, enviamos daqui um salídoso abraço, anciões pelo dia, em que talvez muito breve possamos fazer vêr o quanto vale ser justo e humanitário.

Pelos presos de delito social, Manoel Ramos; Pelos presos de delito comum, Jaime Henriques.

Convém lembrar que está prestes a terminar o prazo marcado pelos presos para análise das visceras do infeliz Gervásio, a fim de se saber se de facto o preso foi ou não envenenado.

OPERÁRIOS! JÓVENS SINDICALISTAS!

frequentai a

Biblioteca Sindical

Aberta todas as noites, das 20 às 23 horas

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

Entrada livre, mas com contribuição de 10 centavos

Na Praça da Liberdade, 10, Lisboa

DE TERRAS DE ÁFRICA

Engrandecimento da organização operaria em Lourenço Marques. — A solidariedade é um facto naquela cidade africana

LOURENÇO MARQUES, 5 de Setembro. — C. — A questão comunista, i-debata, tem sido seguida aqui com maior interesse. Alguns dos socialistas locais, mais preponderantes estão muito inclinados a abandonar o Partido Socialista, — contra o qual há aqui muito mais impressões devido aos sucessivos fiascos e descretos ocasionados pela ala de deputados dos seus eleitos — para traçar o Partido Comunista. E' até natural que entre os anarcionistas o semanário socialista *O Emancipador*, discuta brevemente essa atitude, e o normal a adoptar arrastando para elle, devido ao seu prestígio entre o operariado local, todo o quânto todo aquele que se interessava pela marcha da questão social.

Está em organização o Sindicato Geral dos Trabalhadores — Pensa-se em aderir a C. G. T.

O Sindicato Geral dos Classes Trabalhadoras continua a organizar-se, tendo-se já fundido nele as duas Associações que existiam: Pessoal do Porto e dos Caminhos de Ferro de Lourenço Marques e da Construção Civil.

O Sindicato geralista assim constituído: 1.ª Secção, Pessoal do Porto e dos Caminhos de Ferro de Lourenço Marques; 2.ª Secção, Construção Civil; 3.ª secção, Artes Gráficas; 4.ª secção, Artes Metálicas; 5.ª secção, Classes Marítimas; 6.ª secção, Viação Elétrica; 7.ª secção, Empregados do Comércio (dissidência da Associação dos Empregados no Comércio); 8.ª secção, Secção Mista de Pequenas Indústrias. Este sindicato é dirigido por uma Comissão Administrativa, tendo por corpo consultivo uma junta sindical, composta por três delegados de cada secção que são a maioria os diretores de secção.

Ja aqui se ventilou entre alguns militantes a adesão à C. G. T., que provavelmente se fará mas com a declaração de desacordo com quaisquer artifícias definidas dentro da C. G. T., quer sejam anarcistas, comunistas ou socialistas. Aqui advoa-se que a C. G. T. seja simplesmente um organismo de defesa, económica da classe operária, promovendo para esse deles os meios que forem necessários, revolucionários ou moderados conforme as circunstâncias impuserem, mas sem exercer quaisquer ditaduras de opinião política ou filosófica sobre os operários que a constituem.

Os socialistas não entraram nas eleições — Brito Camacho só tem feito asneiras

Realizou-se no dia 21 de Agosto o acto eleitoral, de que se abstiveram os socialistas, que recusaram um acordo que lhes garantia a eleição dum deputado. Venceram os democráticos e os constituintes, perdendo os governamentais, o que representa um cheque no sr. Brito Camacho, que já aqui está a não muito antipático, mas não tem feito senão ameaças, e não atacou os problemas mais instantes, como são a falta de habitações, a questão monetária, etc.

Troupe Tomás Vieira, recrada a princípio friamente pelo operariado

Chegou a esta cidade há um mês, no dia 11, uma "troupe dramática" dirigida por Tomás Vieira, de que acima falei, presta-lhe o seu concerto, preenchendo ela só o espectáculo com o *Amanhã* e o *Fado*, e a revista *Retalhos da Vida*, coordenada por Avelino de Sousa.

A crise corticeira

Sociedades Sociais

Deliberação do conselho federal da Federação de indústria

No passado domingo reuniu o conselho federal da Federação Corticeira, que se ocupou da crise de trabalho e outros assuntos de importância.

A comissão que tem tratado junto do governo para atenuar a crise de trabalho, e para obstar à saída da corticeira em bruto, deu conta das suas dívidas perante o ministro do comércio, tendo conseguido, até à data, a rectificação da art. 4º do decreto 7650, rectificação esta que foi julgada pelo conselho como não ivera claramente proibido a exportação da corticeira em bruto.

O conselho, em face da situação difícil, resolviu que nova reclamação se formulasse e se entregasse ao governo, até que ficasse acertada definitivamente a proibição.

A Federação previne todos os sindicatos corticeiros que aguardem resoluções por ela emanadas.

Tem este organismo também recebido comunicações de diversas localidades onde se exerce o mister corticeiro de que a miséria invade os lares de muitos operários, pelo facto da grande crise que atravessa a classe em todo o país.

Silves é onde mais se tem feito sentir a crise, havendo muitas centenas de operários sem trabalho há mais de dois meses, tornando-se a vida um verdadeiro sacrifício, a ponto de não se poder importar, e se esta situação angustiosa não se modifica, terá a classe corticeira que adopta medidas diferentes das que tem adoptado, para não se deixar morrer de fome.

Imprensa

Sai hontem o 1.º número do jornal *Alma Nacional*, de que é director o dr. Mário Monteiro, que aparecerá todas as quintas-feiras até ficar devidamente regularizada a sua parte administrativa no que diz respeito aos portugueses residentes no Brasil. A partir desse momento a *Alma Nacional* será diária.

As armas de fogo

No enfermaria de Santo António, do Hospital de S. José, desontem entrou António Ferreira, de 35 anos, sapateiro, natural de Alcoentre e residente em Vale de Carril, do mesmo concelho, que, ao limpar uma espargidora caçadeira, esta se disparou, indo a carga ferida na mão direita.

Patrão pouco consciencioso

Procurou-nos o operário pedreiro João Leitão, que nos disse ter sido contratado pelo proprietário da quinta do Leitão, em Caneças, e que ele se eximiu a cumprir as condições estipuladas. Tinha combinado que além do almoço, teria cesta e comida, mas decorrido algum tempo faltou com a alimentação, reduzindo-a a um bocado de bacalhau e pão. Em face desse procedimento abandonou o trabalho, sendo acompanhado nesse gesto pelos seus companheiros.

A navalha

No banco do hospital de S. José recebeu hontem curativo Carlos Camões, de 20 anos, natural e residente em Vale de Carril, do mesmo concelho, que, ao limpar uma espargidora caçadeira, esta se disparou, indo a carga ferida na mão direita.

Subscrever-vos para os russos que tem fome

Neste momento em que a Rússia se debate com uma tremenda crise económica, provocada principalmente pelas dificuldades que lhe criaram os governos dos outros países, muito aceitável, constituido por Salvador Costa, Artur Duarte, Palmira Baptista e Artur Silva, tendo Mário Torres por ponto e Artur Angelo por mestre.

A princípio houve uma certa frieza entre o operariado organizado e a troupe, devido a esta ter cumprimento várias jornais e exceptuado *O Emancipador*, e discutiu brevemente essa atitude, e o normal a adoptar arrastando para elle, devido ao seu prestígio entre o operariado local, todo o quânto todo aquele que se interessava pela marcha da questão social.

Está em organização o Sindicato Geral dos Trabalhadores — Pensa-se em aderir a C. G. T.

O Sindicato Geral dos Classes Trabalhadoras continua a organizar-se, tendo-se já fundido nele as duas Associações que existiam: Pessoal do Porto e dos Caminhos de Ferro de Lourenço Marques e da Construção Civil.

O Sindicato geralista assim constituído:

1.ª Secção, Pessoal do Porto e dos Caminhos de Ferro de Lourenço Marques;

2.ª Secção, Construção Civil; 3.ª secção, Artes Gráficas; 4.ª secção, Artes Metálicas; 5.ª secção, Classes Marítimas; 6.ª secção, Viação Elétrica; 7.ª secção, Empregados do Comércio (dissidência da Associação dos Empregados no Comércio); 8.ª secção, Secção Mista de Pequenas Indústrias. Este sindicato é dirigido por uma Comissão Administrativa, tendo por corpo consultivo uma junta sindical, composta por três delegados de cada secção que são a maioria os diretores de secção.

A subscrição a favor de Alexandre Vieira e Alfredo Marques

Nesta terra encontram sempre eco os apelos que dão sejam lançados ao operariado. Assim é que, conhecido

seja tipógrafo, devia alhear-se daquele

listado, merecedora aliás da mitra maior

de desigualdades que desconheçemos, — a melhor impressão nessa cidade, onde é a segunda vez que vem

uma companhia portuguesa e onde se

deseja que venham mais artistas, que ganharão dinheiro, estam certos disso.

Outra prova de que ao operário local faltam elementos directivos, isto é, bons generais, porque há bons soldados, é a subscrição para a "Casa dos Trabalhadores", de Lourenço Marques.

Por minha vez, como correspondente

da *Batalha*, entendo que, embora

seja tipógrafo, devia alhear-se daquele

listado, merecedora aliás da mitra maior

de desigualdades que desconheçemos, — a melhor impressão nessa cidade, onde é a segunda vez que vem

uma companhia portuguesa e onde se

deseja que venham mais artistas, que ganharão dinheiro, estam certos disso.

Outra prova de que ao operário

local faltam elementos directivos, isto é,

bons generais, porque há bons soldados,

é a subscrição para a "Casa dos Trabalhadores", de Lourenço Marques.

Quando aqui me chegou um apelo

para concorrermos daqui para a "Casa dos Trabalhadores" de Lisboa, transmisi

o apelo ao *Emancipador*, sem resultado, algum, como eu aliás esperava.

Como tive ensejo de dizer em corres

pondência, essas iniciativas devem ser de carácter local e em proveito local, para obterem êxito.

E' o que aqui está sucedendo, pois a subscrição para a "Casa dos Trabalhadores" está em 216 libras, no curto espaço de dois meses, ou seja ao cambio de 4000\$00 a importante quantia de mais de cito contos.

Hoje, 5 de Setembro, realiza-se no Teatro Gil Vicente, que pode compara

se ao Avenida dai sem camarares

de 2.ª e 3.ª ordem, uma festa em fa

vor da construção da Casa dos Trabalhadores, palpitação-nos um produ

lido que de 50 libras.

A Troupe Tomás Vieira, de que acima falei, presta-lhe o seu concerto, preenchendo ela só o espectáculo com o *Amanhã* e o *Fado*, e a revista *Retalhos da Vida*, coordenada por Avelino de Sousa.

Notícias

E' com a peça de Lílias Rivas, "A Raça", que depois de amanhã se in

augura no teatro Politeama, a época de inverno pela companhia Lucília Simões.

"A Raça", em que se estreiam duas se

nhoras, Alda Rodrigues e Maria Corte

Real, tem a seguinte distribuição:

Constância de Fuentenovo, Alda Ro

drigues; "Clara, condessa de Equizá,

Maria Corte Real; "L. criada", Elvira

Costa; "2.ª criada", Rosa Cercá; "Is

mael da Peña", Erico Braga; "Diogo de Fuentenovo", João Lopes; "Lope

António, conde de Equizá, João Calaz

ans; "Augusto, duque de Azaral", Li

mo Ribeiro; "Senhor das Torres", Se

ixas Pereira; "D. Juvencio, capelão",

Augusto Conde; "João Manuel", Car

los Alves; "Pedro, dianos", Francisco

Sampaio; "1.º criado", Jorge de Sou

a; "2.º criado", Ricardo Castanheira

e "Duguess, Angelia, viúva de Azaral",

Lucinda Simões.

Estão-se activando, no teatro de S.

Carlos, os ensaios da peça "Jerusalém",

de George Rivolet, adaptado à scena

portuguesa português por Alfredo

Cortés para apresentação da compa

nhia Robles Monteiro-Amélia Rey Co

laco.

Os ensaios estão a realizar

com toda a actividade.

A peça tem, na parte masculina, a se

guinte distribuição: "El-rei", Eduardo

Brazão; "Infante", Luís Pinto; "Conde

do Castelo Melhor", Rafael Marques;

"Simão Peres", Joaquim Costa; "Du

que Cadáv", Mário Santos; "Marquês

de Cascãs", Eduardo Freitas; "Conde

da Torre", Jorge Grave; "D. Rodrigues

Macedo, António Melo; "Padre Nu

no", Francisco Senna; "Frei Fernando",

N. Teixeira Soares; "Frei Mendigo, velho", António Nas

cimento; "Um coxo", Leopoldo Santos;

"Um manete", T. Soares; "António, taberneiro", Nascimento;

"António de Belém", L. Santos.

A réplica da "D. Afonso VI" preen

cherá a 1.ª récita de assimatura.

Está marcada para amanhã, no Gi

násio, a inauguração da "Labareda", cuja distribuição é a seguinte: "Pedro, Feli", tenente coronel; "António, de Amorim;

"Barão Atotin", Pestana de Amorim;

"Júlio Glogau", Augusto Machado;

"Beaucour", António Palma; "Maure

Holbech; "Maires", Vitor Cruz; "Pro

curador da República", Armando Cruz;

"Júlio, António Rodrigues; "Justino",

<p

Sapataria S. Roque

Grandes Baixas de Preços

Boitas de verniz que eram de 45\$ a 26\$00
Boitas de verniz, cano de camurça, que eram de 43\$ a 25\$50
Boitas de calfs preto que eram de 34\$00 a 22\$00

Boitas de vitela branca que eram de 25\$00 a 13\$75

Sapatos para senhora em magnífico "calf" ou pele verniz desde 11\$00
Calçado de luxo em todos os gêneros por preços inacreditáveis.

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste, e da Cooperativa dos Empregados do Diário de Notícias.

Queiroz L. da
L. Trindade Coelho, 17
(antigo L. de S. Roque)

Nicolau Gomes Correia

Acaba de receber um grande sortido de chevilles gênero-ingles, estambres, casimiras e alpacas a preços sem competência. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, parsenheira e casacos. Um grande sortido de kakis — AVIAMENTOS — PARA ALFAIAES

Rua dos Fanqueiros, 255

A grande Baixa de Calçado

Sapataria Social Operária

Sapatos em calfs preto para senhora 11\$00
Sapatos em verniz todos os modelos 20\$00
Botas calfs-preto grande saldo 24\$00
Botas calfs-preto com duas solas 22\$50
Grande saldo de botas pretas para homem 17\$00
Grande saldo de botas brancas 16\$15
Um colossal sortimento em calçado para crianças

Grandes Baixas de Calçado

Barato e Bom

18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 69

EMILIO TROISE

Capacidad revolucionária de la clase obrera — Sindicato y Partido.

Custo deste folheto, em língua espanhola \$20. Pelo correio \$23

Pedidos acompanhados da respectiva importadora à administração de A BATALHA

COLEÇÕES:

A nossa seção de livraria acaba de pôr à venda as coleções seguintes:
de

A BATALHA

1.º e 2.º ano, 4 volumes encadernados, 50\$00

de O AVANTE!

3 números \$50

de A SEMENTEIRA

2 anos da 2.ª série 5\$00

4 15\$00

Previne os sindicatos e outros organismos operários que desejem adquirir a coleção de A Batalha que o devem fazer com a necessária brevidade a fim da referida seção poder dispor delas para atender pedidos individuais.

As despesas de correio ficam a cargo de quem fizer a encomenda

Trabalhadores: Léde e propaganda A BATALHA

Sapataria Imperial

84, Rua do Rato, 38

LISBOA

CALÇADO BARATO

Para homem senhora

criança

de todas as qualidades e modelos

CALÇADO DE HOMEM

Bota de calfs preto 28\$00

. de cós 28\$00

Importante saldo

Encarregue-se de concertos de toda a espécie

Sapato de vitela branca a 15\$00

Boitas de vitela branca a 15\$00

Boitas de verniz a 15\$00